



Na terra do nunca: cultura visual, arte e maternidade

Priscila Costa (UDESC)

RESUMO: Neste texto traço as contribuições que a arte contemporânea faz para a cultura da imagem associada às mães, isto é, o quanto as práticas artísticas da contemporaneidade colaboram com a desmistificação da maternidade que a mídia coloca como algo pleno, belo e natural, quando sabemos que a verdadeira face da maternidade difere muito dessa imagem. É construída uma interlocução entre relato de experiências, práticas artísticas e referenciais teóricos feministas e da cultura visual. É parte da investigação e intercâmbio entre mães artistas que interferem, participam e produzem conhecimentos para seus agentes e também outras discussões para o campo da arte e visualidades.

PALAVRAS-CHAVE: cultura visual. práticas artísticas contemporâneas. maternidade; visualidade.

RESUMEN: En este texto traço las contribuciones que el arte contemporáneo hace para la cultura de la imagen asociada a las madres, es decir, cuánto las prácticas artísticas de la contemporaneidad colaboran con la desmistificación de la maternidad que los medios ponen como algo pleno, bello y natural, cuando sabemos que la verdadera cara de la maternidad difiere mucho de esa imagen. Se construye una interlocución entre relato de experiencias, prácticas artísticas y referenciales teóricos feministas y de la cultura visual. Es parte de la investigación e intercambio entre madres artistas que interfieren, participan y producen conocimientos para sus agentes y también otras discusiones para el campo del arte y las visualidades.

PALABRAS CLAVE: cultura visual. prácticas artísticas contemporâneas. maternidade, visualidades.

Uma das possibilidades da arte contemporânea e de seus usos é ser ferramenta política e estar entrelaçada aos processos sociais. Assim, busca-se olhar para a realidade de maneira crítica e ativa propondo tensionamentos e outros modos de habitar cotidianamente através da arte, utilizando as visualidades como possibilidades de desestabilizar lugares dados como naturais e de instinto.

O instinto materno não existe conforme Elisabeth Banditer (1985) o laço que existente entre mães e filhos são construídos a duras penas, muitas noites não dormidas, exaustão física, conflitos psicológicos causados pelas

demandas que é criar uma criança numa sociedade patriarcal onde a mídia impõe padrões impossíveis de serem alcançados. Silvana Macedo em seu artigo A expressão do poder materno na arte contemporânea salienta:

A imagem dominante da maternidade na mídia é representada como uma condição leve e alegre, onde as mulheres conseguem ter ao mesmo tempo: sucesso profissional, família, e um corpo esguio que corresponda com um padrão de beleza idealizado. Enfim, esta é uma imagem que, na maioria das vezes, não corresponde com a realidade da experiência materna de grande parte das mulheres a nível global (MACEDO, 2017, p.01).

Atualizadas as conquistas feministas, as demandas das mulheres aumentaram somando-se ao trabalho doméstico e de cuidado, o trabalho profissional. As relações estruturantes do que se naturalizou chamar de família continuam sendo pautadas pela ordem patriarcal. As mulheres saíram do espaço privado para o público, mas na vida privada ainda são responsáveis majoritariamente pelo trabalho do cuidado, seja com a casa ou com as crianças.



Fig.1 - Na terra do nunca, Pasteur - Argentina, 2017.

Fonte: acervo da artista



Maternidade e a prática artística

Tornar-se mãe traz dificuldades na manutenção da vida profissional de muitas artistas, ao mesmo tempo em que abre caminho para novas reflexões, não apenas sobre nossa condição humana, mas também política, social, econômica e afetiva.

É pertinente pontuar a importante contribuição do coletivo feminista mexicano *Polvo de Gallina Negra* criado em 1983. O grupo atuou durante 10 anos, realizando performances e ações na mídia. O coletivo composto por Meyer e Bustamante tinha três objetivos: mudar a imagem da mulher nos meios de comunicação de massa; fazer valer suas opiniões nos meios artísticos e mudar as estruturas dominantes para facilitar a inserção das mulheres na vida profissional.

Entre os projetos mais conhecidos está o *¡MADRES!* de 1984, um conjunto de intervenções sociais sobre a maternidade. Uma destas ações incluía convidar homens proeminentes para se tornarem "Mãe por um dia", a performance aconteceu no *talk show Nuestro mundo* com o apresentador Guillermo Ochoa, que foi convidado a usar um avental para deixá-lo grávido. Antes da performance, o apresentador questionou Bustamante e Mayer sobre seu trabalho, as artistas aproveitaram para falar sobre o que significa ser artista mulher no espaço sexista da América Latina e durante a ação afirmaram a necessidade de oferecer representações alternativas para maternidade, porque aquelas propostas "atualmente em circulação foram pintadas por homens"¹, indicando desta forma o fim da dicotomia de mãe boa e mãe má. Além de evidenciar a performance na televisão como intervenção estética e política através de seu potencial disseminador nas relações sociais entre homens e mulheres. Em sua "Declaração Feminista do Artista", Mônica Mayer, escreve

¹Bustamante, Maris. Cidade do México, 27 de março de 2001. Disponível em: <http://hemi.nyu.edu/journal/2_2/carroll_pg2.html>. Acesso em: 06 de junho de 2018.

Eu me interessei pelo feminismo como estudante de arte, quando depois de uma palestra sobre mulheres artistas, meus colegas disseram que as mulheres eram menos criativas do que os homens porque nós damos à luz. Considerando que eram artistas de uma geração muito liberal, politizada, percebi que, a menos que fizesse algo a respeito, por melhor que fosse meu trabalho, nunca seria visto em termos iguais. Depois disso, um grupo de mulheres amigas da escola começou a conhecer e integrar essas ideias ao nosso trabalho (2001).

O grupo mexeu de fato as estruturas patriarcais daquele contexto. *Nuestro mundo* teve mais de 200 milhões de telespectadores na América Latina e nos Estados Unidos. Houve muitas ligações para reclamar sobre a falta de respeito das artistas a *santidad/aura* da maternidade. Uma ironia, pois elas apresentaram justamente a relação da produção cultural com a maternidade enquanto instituição. Através do humor, o coletivo de mães artistas buscou desnaturalizar a maternidade antecipada às mulheres, e que este *privilégio* pode ser transferível, afinal elas apontam incertezas nas políticas e relações sociais dadas como naturais.



Fig.2 - ¡MADRES!, Polvo Gallina Negra, performance no Nuestro Mundo, México, 1983.
Fonte: google



Entre a maternidade e a vida profissional das artistas é pertinente trazer para esta conversa o coletivo de artistas norte-americano *Guerrilha Girls*, que discute a representatividade da mulher na arte. No trabalho "Uma mulher precisa estar nua para ser exibida num museu?" o coletivo contabiliza os nus femininos no Metropolitan Museum of Art em Nova York, 85% das obras apresentam a figura feminina nua, em contraposição ao número de mulheres com obras em exposição no museu, que representam menos de 5% ². Sobre a representatividade da mulher, a artista Marina Abramović disse ao jornal alemão *Der Tagesspiegel*:

Em minha opinião [ter filhos é] o motivo pelo qual as mulheres não são tão bem sucedidas quanto os homens no mundo da arte. Há muitas mulheres talentosas. Por que os homens assumem as posições importantes? É simples. Amor, família, filhos - uma mulher não quer sacrificar tudo isso (ABRAMOVIC, abud CASHDAN, 2016).

É importante pontuar que os homens não costumam sacrificar "amor, família e filho", as demandas desses cuidados são transferidas as mulheres que resulta muitas vezes no abandono da profissão ou estudos. Para desmascarar o mito de que a criação de filhos e uma carreira de sucesso são incompatíveis, Maria Cashdan reuniu algumas artistas mães no editorial *Artsy*, incluindo Laurie Simmons, Tara Donovan e Kara Walker. Laurie Simmons continua o debate quando afirma que "Nunca ouvi um artista masculino discutir se eles deveriam ou não ter filhos". E a pintora Nikki Maloof acrescenta que "Há um mito antiquado de que ter um bebê vai tornar impossível o trabalho".

Mas há uma série de obstáculos e enfrentamentos que as artistas mães são submetidas para continuarem suas práticas

² Finco, Nina. "Por que em museu só entra mulher nua?" dados de 1989.



artísticas. No entanto, não aceitamos mais ser pautadas por valores e sucessos que refletem as hierarquias masculinas e buscamos as contribuições da maternidade para vida profissional.

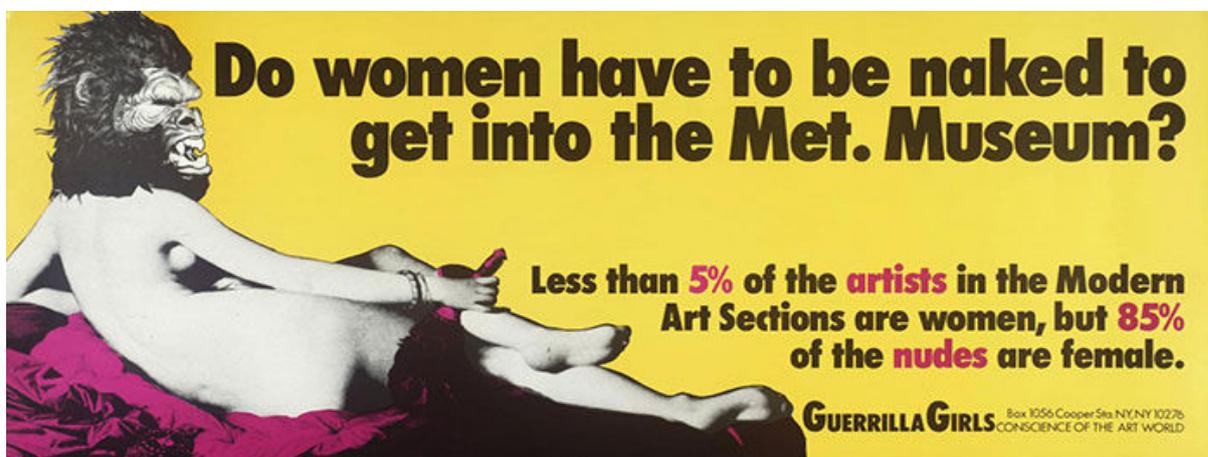


Figura 3 - As mulheres têm que estar nu para entrar no Met.Museum? (1989)
Guerrilla Girls.

Fonte: Tate Museum, Londres; Walker Art Center, Minneapolis

A dinâmica estrutural da sociedade está pautada por uma lógica patriarcal em que a maternidade ainda é utilizada como impedimento e/ou encarceramento feminino. No contexto da arte isso não é diferente, ainda que avanços estejam em curso, a representatividade da mulher é bastante reduzida, a maternidade é utilizada como uma das causas deste afastamento, ou não participação. O fato de nos reconhecermos enquanto profissionais e possuidoras de conhecimento nos valoriza na dimensão social, política e artística. Isto porque os problemas que as mulheres enfrentam no mundo são os mesmos, isto é, violência de todos os tipos, racismo, discriminação, entre outros. Em função disso, Silvana Macedo afirma:

Podemos acrescentar uma grande lista de outros desafios enfrentados por mães ao redor do mundo, como pobreza, desnutrição, guerras e problemas migratórios, abusos, violência em diferentes níveis, além de preconceitos raciais, étnicos, religiosos e homofobia. Artistas, entre outras profissionais pesquisando a questão da



maternidade, têm explorado a experiência materna com maior profundidade que a rasa imagem da mãe contemporânea veiculada pela mídia, abrangendo tanto suas dores como seus prazeres, e contribuindo para a construção de novas concepções de maternidade (MACEDO, 2017,p 04).

Recentemente participei de uma residência internacional de arte contemporânea comunitária na cidade de Lincoln na Argentina. Estamos em constante escolha entre exercer a maternidade e a profissão. Deixei minha filha com uma rede de apoio e passei duas semanas desenvolvendo uma produção artística relacionada aos processos sociais da localidade de Pasteur partido de Lincoln. Nos primeiros dias caminhei pela região a fim de conversar com os vizinhos e conhecê-los.

Pasteur é uma localidade com dois mil habitantes, todos os vizinhos comentam e se orgulham da tranquilidade e segurança do local, há uma preocupação grande com a beleza do espaço público. É uma população muito festeira, todos os dias da residência aconteceram encontros e festas. Nessas festas percebi que os homens estavam a conversar, se divertir, andar de Karting e beber, enquanto que as mulheres cuidavam dos filhos. A diversão das mulheres era cuidar dos filhos. O trabalho das mulheres era cuidar dos filhos. Ao interrogá-los sobre os motivos da divisão do trabalho e lazer por gênero, a resposta era sempre: "é natural das mulheres cuidarem da casa e das crianças". Sobre este aspecto, Judith Butler afirma que:

O natural se constrói como aquilo que carece de valor; e passa a assumir esse valor à medida que assume seu caráter social, ou seja, ao mesmo tempo em que a natureza renuncia sua condição de natural (BUTLER,2002, p. 28).

Essa condição é construída e por não haver espaços de discussões acabam sendo incorporadas por determinados grupos como naturais. Assim surge uma questão: como seria ver a situação rara de homens fazendo o trabalho de cuidado dos



filhos? Os processos sociais e históricos estão diretamente envolvidos no encarceramento feminino sendo mais ou menos intensos dependendo de seu contexto. O amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tal como o vê hoje, é produto da evolução social desde princípios do século XIX, como o exame dos dados históricos mostra, nos séculos XVII e XVIII, o próprio conceito do amor da mãe aos filhos era outro. Segundo a Badinter (1985) as crianças eram normalmente entregues desde tenra idade às amas, para que as criassem e só voltavam ao lar depois dos cinco anos. Dessa maneira, como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações socioeconômicas da história.

Masculidade hegemônica e o trabalho de cuidado

A divisão do trabalho heterossexual também controla a estrutura narrativa da mídia, não sendo o único, mas um dos grandes responsáveis pela manutenção e permanência do patriarcado em nossos tempos. Existem muitos pais que fazem o trabalho de cuidado, no entanto, é preciso criar uma cultura visual de identificação com estas ações na mídia, publicidade, cinema e arte para que haja uma desmistificação das relações de poder entre homem e mulher associado ao cuidado; e para que os novos formatos de famílias sejam entendidos como parte integrante da sociedade contemporânea. O cuidado sempre foi associado às mulheres, enquanto os homens são vistos como os provedores e associados a força, valentia e violência. Segundo Kimmel (2001) essa violência tem sido significado de masculinidade e tem medido, demonstrado e comprovado a identidade dos homens.

Interessa-nos verificar o lugar da mãe nas relações de gênero em que, através de práticas incorporadas socialmente, homens e mulheres estabelecem certas necessidades de afirmar seus corpos nos relacionamentos. Ao mesmo tempo, essas



relações oferecem possibilidades de transgressão e mudanças desse cenário, reconhecer que a masculinidade hegemônica heterossexual é uma estrutura opressora que prejudica mulheres e homens.

Enquanto os homens desde crianças são introduzidos a noções de solidariedade, colaboração e controle de espaço público através de jogos, as meninas são condicionadas a construção de subjetividade feminina nos espaços domésticos e privados. Ou seja, as desigualdades de gênero são aprendidas e experimentadas. A superioridade de um sobre o outro demonstra a inferiorização do outro. A transformação do outro em objeto, portanto, submisso.

A força física na maioria das vezes se torna superioridade e é a base da masculinidade hegemônica reproduzida pela mídia, assim como a mulher é inscrita no cinema, na música, na publicidade como física e psicologicamente fraca, portanto, essa ordem é reforçada em todas as camadas sociais, nas escolas, instituições, igrejas, política, economia. Para os homens a disputa do mais forte, mais poderoso, mais macho. Para as mulheres a mais dócil, amável, paciente; características associadas à maternidade. Desta forma, a identidade masculina é afastada do trabalho de cuidado que requer atenção, envolvimento e conversa com o outro. Hernández, Vidiella, Herraiz e Sancho (2007) salientam que os jovens do seu estudo *El papel de la violencia en el aprendizaje de las masculinidades* dizem que

O que o faz de um menino um homem é a biologia. O que o torna inalterável, comparado ao que não pode ser combatido. Somos assim. Essa reafirmação de da biologia explica a inalterabilidade identificada onde a violência é registrada. Quando esta estrada começa a pensar e questionar, aparece um novo atalho que reafirma isso. Um nova expressão da biologia ligada à seleção natural (HERNANDEZ, 2007, p. 120)³.

³ Tradução nossa.



Isso é determinante para pensar o quanto as mulheres já conquistaram e se rearticularam socialmente, enquanto que os homens continuam utilizando os discursos essencialistas ancorados na biologia como justificativa para violências e opressões cotidianas sobre as mulheres e entre si. Portanto, questionar a hegemonia masculina heterossexual vem sendo crucial para estabelecer outros tipos de contratos sociais e relacionais, desafiando e desestabilizando os modelos tradicionais de relações entre homens e mulheres.

Na terra do nunca

Na terra do nunca é uma série de foto colagens produzidas em 2017 em Pasteur, utilizando a imagem de mães com crianças em espaços cotidianos, substituí os seus rostos por faces de homens de revistas antigas sobre vida doméstica, onde sempre apresentam a mulher como serviçal. Assim, de maneira ficcional, a série fotográfica tira os homens de uma posição de poder e opressão e os coloca no trabalho de cuidado problematizando a parentalidade no contexto contemporâneo. As visualidades em seus contextos específicos criam narrativas e identificação dos indivíduos que determinam suas práticas no corpo social. Laura Molvey no artigo *Placer visual y cine narrativo* publicado na revista *Screen* no outono de 1975 pergunta "como lutar contra o inconsciente estruturado como uma linguagem enquanto continuamos presos na língua patriarcal?" e responde que "não há possibilidade de construir uma alternativa inesperada, mas podemos começar tentando uma pausa, examinando a sociedade patriarcal com as ferramentas que ela mesma nos fornece". Nesse sentido, as práticas artísticas em certa medida sempre reagiram contra essas obsessões e suposições machistas. Na contemporaneidade, a arte de vanguarda política e estética só pode existir como um contraponto a essa cultura visual que reforça as estruturas patriarcais e de masculinidade hegemônica.



Propõe-se desvio nos modelos sociais estabelecidos através da arte. Em que novas visualidades possam criar outras possibilidades de existir e se relacionar em sociedade que transcenda formas desatualizadas e opressoras, rompendo com a imagem dócil e amável associada à mulher, motivo pelo qual é condicionada a ser a responsável pela criação e cuidado das crianças como se a maternidade fosse algo natural ou instintivo. Sobre isso Badinter pontua que

Observando a evolução das atitudes maternas, verifica-se que o interesse e a dedicação à criança não existiram em todas as épocas e em todos os meios sociais. As diferentes maneiras de expressar o amor vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou quase nada (BADINTER,1985, p.04).

Na série *Na terra do nunca*, o olhar possuidor do espectador homem sobre a mulher como espetáculo é invertido. Ou seja, torna possível através de uma série de imagens que a figura a ser observada seja um homem na tarefa do cuidado, permitindo que o público possa se identificar com o protagonista na cena de cuidado e talvez projetar o olhar em seu semelhante. A possibilidade dos homens passarem a dividir o trabalho do cuidado com as mulheres não só liberta as mulheres da obrigatoriedade da maternidade como transformaria toda a sociedade. Essas complexas relações de parentalidade entre muitos grupos indígenas permitem que as crianças recebam atenção pulverizada e desenvolvam autonomia desde pequenas. É para desconstruir e desmistificar essa imagem das mães que a produção de muitas mulheres artistas se inclina para maternidade e feminismos que a partir de política de visão e de produção cultural do presente, Laura Trafí (2003) possa transformar nossa memória visual da maternidade. Como diz Pollock:



A produção cultural do significado da psicanálise e suas releituras feministas mostram como o campo visual é um espaço socialmente construído em que as práticas de visão estão intimamente ligadas com os processos de formação de subjetividade e diferença (POLLOCK, 1990).

Nesse sentido começamos a trabalhar em uma ressignificação permanente do campo visual de nossas posições como mulheres na política de gênero, classe e raça no presente. A cidade de Florianópolis/SC tem sido um espaço de constantes proposições visuais de mulheres e mães que forma um movimento de representação no campo das artes perturbando a ordem patriarcal estabelecida.

Para não concluir

Essas práticas artísticas desenvolvidas por mães possibilitam criar outros espaços de significâncias, onde a mulher, mãe, artista deixa de ser vista e representada por um olhar masculino e passa a se olhar e apresentar a sua realidade, as suas dores e prazeres, seus abismos e suas conquistas opondo-se a cultura visual dominante, desta forma reivindicamos a história da arte e propormos outros espaços de visão sobre a maternidade.

Não há pretensão em fazer uma cruzada contra a produção dos homens no campo teórico ou artístico. Evidentemente leem-se homens, citam-se homens e sabemos de suas contribuições nos campos de estudos. No entanto, buscamos uma participação e representatividade maior das mulheres e mães no campo das artes e teorias, para isto, é necessário olhar e ouvir as mulheres. Laura Trafí (2003) afirma que é sempre importante saber quem lê, bem como tornar visíveis as relações de poder que sustentam o domínio de alguns contra outros possíveis. Isto é, o nosso trabalho enquanto mães artistas busca quebrar tabus produzindo nossas próprias visualidades a partir da feminilidade, sexualidade e corporeidade negada pela história da arte.



Essa geração de artistas abre espaços simbólicos que tornam possível não só repensar a criação de ação artística dos corpos das mulheres e das condutas maternas, como permite repensar a história da arte. Estas práticas servem para ler a favor da imagem e contra do *script* culturalmente atribuído para essas mulheres que o deslocamento do processo de significado, sendo "falado" por os outros, ou seja, segundo Bal (1990) "obras de arte que oferecem textos públicos para ler propor imagens cuja ambiguidade deixa um lugar para a resistência. Portanto, através de provocações imagéticas, nos colocamos no protagonismo das visualidades das nossas próprias experiências e percepções.

Para não concluir, essas práticas artísticas geram um espaço de cooperação e convivência entre artistas, mulheres, mães. Gerando um olhar para esta realidade de maneira crítica e ativa. Acreditamos que discutindo juntas e com a participação de nossas crianças, podemos fazer reflexões necessárias e propor mudanças significativas no que diz respeito à participação e reconhecimento das mulheres no mundo da arte. E que a produção de novas visualidades sobre maternidade e parentalidade já estão transformando nossos modos de habitar e se relacionar de maneira considerável, no entanto, ainda temos muito para avançar a fim de conquistar algo próximo a uma equiparidade com os homens.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, ELISABETH. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Tradução de Waltensir Dutra. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BUTLER, JUDITH. **Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo.** En Taylor Diana &. Estudios Avanzados, 2002
- CASTRO M. AMANDA e MACHADO F. CÁSSIA. **Estudos feministas, mulheres e educação popular.** (Org.) Curitiba: CVR, 2016.
- HERNÁNDEZ, Fernando; Vidiella, Judith; Herraiz, Fernando; Sancho, Maria. **El papel de la violencia en el aprendizaje de las masculinidades.** Revista de Educación, 342. Enero-abril 2007, pp. 103-125.



REVISTA APOTHEKE

ISSN 2447-1267

v.4, n.2, ano 4, 2018

SOLNÍT, REBECCA. **A história do caminhar**. Tradução Maria do Carmo Zanini. - São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2016.

TRAFÍ, Laura. **Perturbar la historia del arte desde el lugar de la espectadora Las aportaciones de Pollock y Bal a lós estudios visuales**. Visualidades. Revista do Programa de mestrado em cultura visual - Fav UFG 2003.

Sites:

CASHDAN, MARINA. You Can Be a Mother and Still Be a Successful Artist. Disponível em < <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-why-motherhood-won-t-hinder-your-career-as-an-artist>> Acesso em 15 de agosto de 2017.

FINCO, NINA. Por que em museu só entra mulher nua?. Disponível em < <http://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/09/por-que-em-museu-so-entra-mulher-nua.html>> Acesso em 29 de setembro de 2017.

MACÊDO, SILVANA BARBOSA. A expressão do poder materno na arte contemporânea. Disponível em <https://lookaside.fbsbx.com/file/SILVANA_MACEDOArtigoIlustrado.pdf?token=AWyzIyZQmi5MBxrgrZC4IqoCXM_wja1FxSpe02ilR_Au43elhTk_AYCja5H3EpB321w_7yo8ZtKtnWX9HE_oViDC5ntwJLezyc7s1gRrB5rnVT4vCy5JFQsvH2w2SDUSDFUtpfNcqJAVtDCTpiy96dMX> Acesso em 20 de setembro de 2017.

PETRINÌ, ILZE e SEPÚLVEDA T. JORGE. Ninguno de nosotros es tan inteligente como todos nosotros juntos. Disponível em <<http://www.curatoriaforense.net/niued/?p=1320>>.